



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

AUTORIZAÇÃO: DECRETO Nº92937/86, DO 18.07.86 – RECONHECIMENTO: PORTARIA Nº909/95, DO 01.08.95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA HUMANAS E TECNOLÓGICAS- CAMPUS XXI- IPIAÚ



Letras

João Alberto Pereira Neto

Oralidade e Cultura Popular em Macunaíma, de Mário de Andrade:

Entre o Arcaico e o Moderno na Ficção Modernista Brasileira

Ipiaú – BA

2025



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

AUTORIZAÇÃO: DECRETO Nº92937/86, DO 18.07.86 – RECONHECIMENTO: PORTARIA Nº909/95, DO 01.08.95
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA HUMANAS E TECNOLOGICAS- CAMPUS XXI- IPIAÚ



Letras

João Alberto Pereira Neto

Oralidade e Cultura Popular em Macunaíma, de Mário de Andrade:

Entre o Arcaico e o Moderno na Ficção Modernista Brasileira

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Bahia – UNEB – Departamento de Ciências Humanas e Tecnologia – Campus XXI – Ipiaú, como requisito final para obtenção do título de Licenciatura em Letras Vernáculas. Prof^o Orientador: Me. José Fagner Alves Santos.

Ipiaú – BA

2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB



AUTORIZAÇÃO: DECRETO Nº 92937/86. DOU 18.07.86 – RECONHECIMENTO: PORTARIA Nº 909/95, DOU 01.08.95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS

CAMPUS UNIVERSITARIO DR. SALVADOR DA MATA

IPIAÚ- BAHIA

ATA

SESSÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Aos 19 dias do mês de dezembro de 2025 ... às 19 horas, em meio virtual, apresentaram se os pareceres escritos da monografia elaborada por João Alberto Pereira Neto, intitulada **Oralidade e Cultura Popular em Macunaíma, de Mário de Andrade: Entre o Arcaico e o Moderno na Ficção Modernista Brasileira**, tendo o professor José Fagner Alves Santos como Orientador e presidente da banca avaliadora, composta pelas Prof. Sayonara Miranda e a professora Izabel Cristina Alves. Após leitura e avaliação das pareceristas, a banca considerou o trabalho aprovado, com média 8,5, sendo necessária a observância dos pareceres individuais emitidos pelos membros da mencionada banca, para fins de ajustes e depósito final do texto. Por fim, comunicamos ao discente que a versão final do trabalho monográfico deverá ser enviada na versão em formato pdf para o Colegiado de Letras do DCHT XXI, no prazo máximo de trinta dias, a contar da presente data, em uma via digitalizada, conforme determina o Regulamento do TCC desta Universidade. Nada mais havendo a tratar, eu, José Fagner Alves Santos, organizador da banca de TCC, redigi este PARECER FINAL, que vai datado e assinado por mim, como representante dos demais membros da banca.

Ipiaú, 19 de dezembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br SAYONARA MIRANDA OLIVEIRA
Data: 28/01/2026 10:39:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Sayonara Miranda Oliveira

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE FAGNER ALVES SANTOS
Data: 28/01/2026 09:39:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

José Fagner Alves Santos

Documento assinado digitalmente
gov.br IZABEL CRISTINA LIMA DIAS ALVES
Data: 28/01/2026 11:21:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Izabel Cristina Lima Dias Alves

A todos os contadores de história anônimos que sem pretensões
Contribuíram para a construção da nossa literatura.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o ser supremo, aos meus pais: Cícero (in memoriam) e Adonília; à minha família e aos meus mestres, todos responsáveis pelos meus conhecimentos.

Tudo ele contou pró-homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem, sou eu, minha gente, e eu fiquei para vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba dessas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botai a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói da nossa gente.

Tem mais não.

(**ANDRADE, Mário.** Epilogo In **Macunaíma.** 5 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P.214)

RESUMO

Este trabalho analisa o papel da oralidade e da cultura popular na rapsódia *Macunaíma*, de Mário de Andrade, destacando sua relevância para a constituição da ficção modernista brasileira. A pesquisa parte do reconhecimento de que, ao longo do século XX, especialmente após os estudos linguísticos de Saussure, a oralidade e as manifestações culturais tradicionais passaram por um processo de renovada valorização. Nesse contexto, investiga-se como Mário de Andrade incorpora elementos da cultura arcaica e da tradição oral na construção estética e narrativa de sua obra, aproximando a literatura da vivência cotidiana do povo brasileiro. Metodologicamente, o estudo envolveu a seleção do corpus, revisão bibliográfica, análise textual e elaboração crítica. Os resultados apontam que *Macunaíma* exemplifica de forma contundente o uso literário da oralidade e do chamado “português brasileiro”, evidenciando como essas manifestações contribuem para a representação identitária e para a modernização da linguagem literária. Conclui-se que a integração entre oralidade, cultura popular e escrita, realizada de modo inventivo por Mário de Andrade, constitui um marco essencial na consolidação da estética modernista no Brasil.

Palavras – Chave: *Oralidade, Macunaíma, Cultura Popular, Linguística e Literatura.*

ABSTRACT

This study examines the role of orality and popular culture in Mário de Andrade's rhapsody *Macunaíma*, emphasizing their relevance to the development of Brazilian Modernist fiction. The research acknowledges that, throughout the twentieth century—especially after Saussure's linguistic studies—oral tradition and popular cultural expressions underwent renewed appreciation. Within this framework, the analysis explores how Mário de Andrade incorporates archaic cultural elements and oral practices into the aesthetic and narrative structure of his work, thereby bringing literature closer to the everyday reality of the Brazilian people. Methodologically, the study involved corpus selection, bibliographical review, textual analysis, and critical elaboration. The findings indicate that *Macunaíma* is a significant example of literary orality and the use of "Brazilian Portuguese," demonstrating how these elements contribute to identity representation and to the modernization of literary language. The study concludes that the inventive integration of orality, popular culture, and written text achieved by Mário de Andrade constitutes a fundamental milestone in the consolidation of Brazilian Modernist aesthetics.

Keywords: *Orality, Macunaíma, Popular Culture, Linguistics and Literature.*

Sumário

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 6 |
| 1. ORALIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS..... | 8 |
| 1.1 O MODERNISMO BRASILEIRO E O RESGATE DA CULTURA POPULAR..... | 10 |
| 1.2 ORALIDADE EM MACUNAÍMA TRADIÇÃO E INVENÇÃO | 12 |
| 2. A PERSONAGEM MACUNAÍMA SÍNTESE DA DIVERSIDADE BRASILEIRA | 18 |
| 3. ORALIDADE EM MACUNAÍMA | 24 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 30 |
| REFERÊNCIAS..... | 32 |

INTRODUÇÃO

Considerando-se, nos últimos anos, os avanços linguísticos, literários e culturais, constata-se uma recorrência aos estudos da Oralidade e da Cultura Popular em *Macunaíma*, de Mário de Andrade: Entre o Arcaico e o Moderno na Ficção Modernista Brasileira. Seja esta analisada pela Linguística, seja pela Literatura, texto poético, narrativo ou dramático. Foi justamente o admirável trabalho com a linguagem oral pesquisada e depois passada para a escrita por Mário de Andrade em sua rapsódia, **Macunaíma**, o herói sem nenhum caráter, o que justifica a elaboração desta monografia.

Por muito tempo os conhecimentos, as histórias, ou seja, a cultura de um povo só era transmitida oralmente, de boca a boca, tendo em vista a afirmativa acima é que se criou a problematização dessa monografia: Como se dá a passagem da ORATURA para a LITERATURA? O objetivo geral deste trabalho é: analisar a importância da oralidade na ficção longa modernista brasileira, tendo como corpus “rapsódia” **Macunaíma**, de **Mário de Andrade**. Oralidade, frisemos, não só das personagens, mas também do narrador, e aqui está a grande novidade. Tendo como objetivos específicos: perceber que a Literatura escrita pode ser um reflexo da Oratura e identificar as possibilidades de junção entre o popular e o culto.

A Literatura culta se apropria de conteúdos e expressões das manifestações linguísticas-discursivas próprias da Literatura Popular (Oratura). Por pertinência do referencial bibliográfico que, segundo Salvador (1987) *apud* Araújo (2003, p.29) quer dizer “[...] utilização de fontes ou documentos escritos originais e primários”. Este tipo de pesquisa é o ponto de partida para qualquer outro tipo de pesquisa como afirma Vergara (1997, p.13).” Esse tipo de pesquisa fornece instrumental analítico para qualquer tipo de pesquisa”. Minciotti (1999, p.30) enfatiza que: “o pesquisador vale-se de opiniões já formadas por diversos autores a respeito do assunto”. Adotou-se os seguintes passos: escolha e leitura do livro **Macunaíma**, de Mário de Andrade; do tema, DA ORALIDADE EM **MACUNAÍMA**; problematização; seleção e leitura de suporte teórico; formulação de hipótese; encontros com o orientador; redação; digitação do trabalho, revisão, digitação final e entrega da monografia.

Para fundamentação teórica, de forma mais direta buscou-se os seguintes autores e obras: FAVERO, Leonor Lopes; AMDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O. **Oralidade na escrita**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2002; URBANO, Hudinilson.

Oralidade na literatura; o caso Rubens Fonseca. São Paulo: Cortez, 2000; PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**, Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1974; BOSI, Alfredo. “Situação de Macunaíma” In: **Céu, inferno**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2004. VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**. Trad. Clarice Madureira. São Paulo: Martins Editora, 2003.

No sentido de consolidar a pesquisa realizada mediante as diversas leituras feitas ao longo do trabalho, utilizou-se o resumo, uma vez que este constitui também uma estratégia considerada eficiente, para registrar as informações coletadas.

Em seguida, delineou-se o perfil esquemático do trabalho, o planejamento, onde já de posse dos elementos, definiu-se um plano geral, que está assim estruturado: o primeiro intitula-se: *ORALIDADE: Aspectos Históricos e Teóricos em que se estuda a oralidade, segundo a Linguística*; o segundo, *A Personagem Macunaíma, síntese da diversidade brasileira na qual a oralidade é considerada literalmente em especial a partir da Semana de Arte Moderna*; a terceira, *ORALIDADE EM MACUNAÍMA, em que se analisa, num primeiro momento, a oralidade das personagens e, num segundo momento, a do narrador da rapsódia de Mário de Andrade*; *Conclusão*, e por fim, as *Referências*.

A edição de Macunaíma que foi utilizada aqui para este estudo foi a 33ª, da Editora Garnier, Belo Horizonte, 2004.

1. ORALIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS

A oralidade está presente na vida do homem nas mais diferentes situações sociais onde ele se inseriu ao longo da sua vida e foi por muito tempo um dos métodos de comunicação mais utilizado pelas civilizações para transmitir sua cultura, seus conhecimentos de uma geração para outra; sendo assim, a linguagem oral continua sendo um instrumento de preservação cultural. O aspecto histórico, segundo Fávero (2012), relata que a língua falada foi considerada durante muito tempo, até meados da década de 1960, como o lugar do “caos”. Partindo desse pressuposto, nos tempos atuais, porém é diferente, a cultura de um povo é transmitida tanto pela oralidade quanto pela escrita, não permitindo mais que ao fim de uma determinada civilização sua cultura se perca plenamente com os indivíduos. Entretanto, com o surgimento dos estudos do texto, o enfoque vai deixando de fixar-se apenas no produto e se desloca para o processo. Sendo assim, relata o autor;

A linguagem deixa de ser vista como mera verbalização e passa a ser incorporada, nas análises textuais, a observação das condições de produção de cada atividade interacional que se organizam entre os participantes. (ZILDA, 2012:p.17).

Dessa forma, há os aspectos teóricos, os quais, com opiniões e análises significativas, assim, como já apontou Marcuschi (1997), a questão da oralidade é colocada como um problema de “adequação às diferentes situações comunicativas”. Dentre os estudos sobre a oralidade afirma Ventola (1979) sobre a estrutura da conversação, a autora propõe um modelo de organização conversacional; para ela, o tópico ou assunto é um meio de estabelecimento e manutenção dos relacionamentos sociais, já que abre e mantém o canal de comunicação, propiciando o contato entre os participantes. Sendo assim, para os estudos da língua falada, torna-se fundamental analisar como se instaura a conversação.

Como realidade material – organização de sons, palavras, frases – a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante. (PETTER, 2002: p. 28).

Oralidade é um conjunto de textos que as sociedades vêm explorando ao longo do tempo. Sendo assim, a modalidade oral é uma forma instável da linguagem, pois se modifica em detrimento de vários fatores como localização geográfica, nível social, histórico, entre outros. Para tanto afirma o autor:

Como realidade material – organização de sons, palavras, frases – a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante. (PETTER, 2002: p. 28)

Em consequência, segundo Ronald Barthes (2004): “desde o momento em que um fato é contado, sobre o real. Que seja o próprio exercício do símbolo, a voz perde a sua origem, o Autor entra na sua própria morte, a escrita começa”.

Por essa razão, o que o Barthes informa é; quando o Autor se afasta, a pretensão de “decifrar “um texto torna-se totalmente inútil”. Assim Barthes (2004) interpreta: “dar um Autor a um texto é impor a esse texto um mecanismo de segurança, é dotá-lo de um significado último, é fechar a escrita”. Por tanto, a visão do Ronald refere-se à crítica, que o leitor atribui ao Autor.

Criatividade, espontaneidade, naturalidade e expressividade são características presentes de forma clara na oralidade, ela na maioria das vezes não é planejada, é uma modalidade desenvolvida constantemente de acordo com a situação do momento.

A fala tem como aspecto central a variação, como afirma MARCUSCHI (2002:24): “a noção de um dialeto padrão uniforme (não apenas no português, mas em qualquer lugar) é uma noção teórica e não tem um equivalente empírico”.

A oralidade, porém, não está somente ligada à fala, nem a literatura se constrói apenas por elementos próprios de uma linguagem escrita. Assim torna-se perceptível a presença de marcas comuns da oralidade em textos de modalidade escritas, em especial nos literários, no qual o campo lexical é voltado a transformações.

As mudanças lexicais ocorrem em sua maioria no universo da fala, devido à maior facilidade de aceitação ou recusa dos vocábulos.

A língua oral é a mais suscetível de expressar variações e, nela os critérios de aceitabilidade social são mais elásticos. Principalmente, em nível lexical. Talvez rapidamente como a moda, os vocábulos ganham ou perdem prestígios, desatualizam-se. A dinâmica da sociedade contemporânea é bem expressa nas transformações do léxico, não só na criação neológica dos

vocábulos científicos, mas, principalmente, na linguagem coloquial”. (PRETI, 2003:p.53).

Nesse contexto, a linguagem que fala, não é o autor; escrever é, através de uma impessoalidade prévia em uma literatura; atingir aquele ponto em que só a linguagem atua (performance) e não (eu). Impossível de alguma vez ser confundida com a objetividade castradora do romancista realista em favor da condição essencialmente verbal da literatura. São as análises de Proust (2004).

1.1 O MODERNISMO BRASILEIRO E O RESGATE DA CULTURA POPULAR

No Brasil, a ruptura com a erudição e o gosto clássico – fruto da intenção de formar com originalidade a literatura do país recém-descolonizado – foi expressa pelo nacionalismo, que, de acordo com Candido (2007, p.33) “engloba o nativismo em sentido estrito e já então tradicional em nossa cultura”. Conforme o impulso de rebeldia contra as normas clássicas de composição, em favor da liberdade artística e da formação do caráter nacional, conectava os autores românticos: “Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentidos nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiada abstrata -afirmando em contraposição o concreto espontâneo, característico particular” (CANDIDO, 2007, p. 333).

No período da Antiguidade Clássica, a produção literária era realizada pelo registro de textos produzidos oralmente. Estudos feitos sobre a obra de Homero e as fábulas de Esopo demonstram que a base literária dos seus textos partiu de relatos orais de aedos – cantores ou de textos da tradição oral. Conseqüentemente, na perspectiva de Eric Auerbach (1892 – 1957) a obra de arte literária é vista como decorrente e restrita pelas dimensões em que ela se determina, origem, local, peculiaridade do criador. Na sequência Paul Zumthor explora a relação complexa e dinâmica entre oralidade e escrita, especialmente no contexto medieval e na cultura contemporânea, destacando a voz como um elemento fundamental que transcende a mera comunicação linguística. Segundo Martin Puchner (2019) a história da escrita indica que, a Literatura não é apenas para os amantes dos livros. Desde que surgiu, há 4 mil anos, ela moldou a vida da maioria dos seres humanos que vivem no planeta terra. Para (ZUMTHOR, 1989, p.20-1), há três tipos de oralidade, associadas a aspectos culturais diferenciados:

- a) Primária, sem relação alguma com a escritura, relaciona-se a sociedade ágrafas;
- b) Segunda, quando a escritura prevalece sobre os aspectos orais, condicionando, a partir de uma cultura erudita, as formas de expressão;
- c) Mista, quando o oral se manifesta de forma parcial e com atraso em relação ao escrito.

Por essa razão, de acordo com Ilari (2011), a linguagem é considerada um instrumento do pensamento, é, portanto, tudo que é criado culturalmente e estar ligado à imagem que influencia a forma como o pensamento é moldado pelos indivíduos. A teoria cultural e histórica sustenta que o ser humano é moldado e consultado por meio da linguagem.

Na Grécia Antiga, mesmo tendo sido planejadas previamente as decisões políticas que seriam tomadas nas assembleias, em sua maioria eram modificadas após a exposição oral de seus compatriotas.

A religião fez e ainda faz muito uso da oralidade para convencimento dos seus fiéis. Exemplos claros disso são as Parábolas de Jesus Cristo e os sermões lidos nas convenções religiosas.

Ainda foi possível, no século XII, vislumbrar mesmo com a supervalorização da escrita alguns registros orais cantados, as cantigas portuguesas que posteriormente foram escritas para daí serem cantadas.

Os primeiros estudos sobre a linguagem originaram-se na antiguidade com os povos hindus e gregos que tinham como objetivos, respectivamente, estudar sua língua para que os textos sagrados não fossem modificados e a definição das relações entre o conceito e a palavra bem como, a estruturação precisa da linguística. Nesse momento a oralidade fica deixada um pouco de lado, pois é dada uma importância bem significativa a tudo que estava escrito, conseqüentemente o texto oral ficou fora do enfoque teórico dos estudos sobre linguagem.

Com o surgimento da linguagem escrita houve uma desvalorização significativa da linguagem oral, ocasionando uma supervalorização da escrita, na qual o homem que possuía conhecimento sobre ela exercia uma relação de poder com quem a desconhecia.

Sendo assim, os relatos de Proust (Apud, 2004, em O Rumor da Língua) por uma inversão radical, deram” a escrita moderna na sua realidade anedótica, histórica, o Surrealismo” para ficarmos por esta pré-história da modernidade; assim como afirma

Brecht (2004), sobre “o afastamento do autor” como uma figurinha lá ao fundo literário, não é apenas um fato histórico ou um ato de escrita: “ele transforma de ponta a ponta o texto moderno.”

1.2 ORALIDADE EM MACUNAÍMA TRADIÇÃO E INVENÇÃO

Os relatos de trechos na escrita da literatura Macunaíma, são apresentados como por exemplo, assim: ... Macunaíma ficou de repouso o mês de preceito, porém se recusou a jejuar. O pecurrucho tinha cabeça chata e Macunaíma inda achatava mais batendo nela todos os dias e falando pro guri: - “Meu filho, cresce depressa pra você ir pra São Paulo ganhar muito dinheiro.” (MACUNAÍMA, 2008, p.34). Por essa razão, os autores afirmam sobre a escrita do livro;

Seria preciso, para dar conta da evolução das relações oral/escrito, imaginar a língua como um teatro em que entram em conflitos as diversas formas de expressão, conflito do qual a época presente apenas representa uma fase. A linguagem é a expressão do ser inteiro, e apesar de a nossa civilização tendera reduzir a uma unidade de funções o que foi plural e múltiplo, possuímos ainda resto das tensões que se reproduziram entre as diversas formas de expressões. (BARTHES e MARTY, 1987, p.45).

Os estudos da linguagem escrita cresceram ao longo do século passando pelos modistas na Idade Média, pela gramática de Port Royal em 1660, até chegar a Franz Bopp que conseguiu descobrir semelhanças entre diversas línguas antigas, evidenciando a relação entre elas, por meio do método histórico-comparativo, dando aí início a Linguística Histórica.

Por meio desses estudos constatou-se a transformação de línguas como o latim em outras línguas, como em português, por exemplo, e percebeu-se que essas modificações só poderiam ocorrer por meio da linguagem falada que foi se modificando ao passar dos séculos. Com essa constatação a Linguística Moderna passa a ter como seu principal foco de estudo língua falada.

De acordo com Marcuschi:

O trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição da fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma

decisiva. Veja-se o caso tão ilustrativo dos contos populares ainda tão vivos em nosso povo não só no interior, mas também em áreas urbanas. Dedicar-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação. Além disso, é uma atividade relevante para analisar em que sentido a língua é um mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de dominação e poder implícitos em usos linguísticos na vida diária, tendo em vista suas íntimas, complexas e comprovadas relações com as estruturas sociais. (MARCUSCHI, 2002: p. 25)

No século XX, com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, a modalidade oral volta a assumir papel imprescindível no estudo da linguagem, onde para ele “a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma, e por si mesma”.

Segundo os estudos linguísticos, a língua é heterogênea, isso porque em toda comunidade não há apenas uma forma de se expressar, mas sim uma infinidade de maneiras, ocasionando assim as variações linguísticas.

Todo sistema linguístico encontra-se permanentemente à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade. Esse princípio opera por meio da interação e da tensão de impulsos contrários, de tal modo que as línguas exibem inovações mantendo-se, contudo, coesas: de um lado o impulso à convergência base para a noção de comunidade linguística, caracterizada por padrões estruturais e estilísticos. Assim, as línguas apresentam contrapartes fixas e heterogêneas de forma a exibir unidade em meio a heterogeneidade. (MOLLICA,2003:p. 12).

A oralidade ao longo da história vem passando por diversas análises, vistas por diferentes óticas e com isso recebeu distintas formas de valorização.

O Brasil é um país com uma diversidade cultural e social muito grande, além de uma enorme disparidade econômica e esses fatores contribuem de forma bastante relevante para a grandiosidade de fenômenos linguísticos ocorrentes na língua do povo brasileiro. Fenômenos estes que servem como marcadores da identidade do falante bem como da sua origem geográfica, posição social e época em que vive.

Não existe uma gramática pronta para a língua falada e isso é visível nas diferenças lexicais existentes na construção de textos falados e escritos, onde nestes as palavras são mais longas e o vocabulário mais extenso e mais variado do que naquele. Demonstrando assim, que a fala, geralmente, não é previamente planejada e, por isso, não pode ser revisada ou apagada, enquanto a escrita sim.

Segundo URBANO (2000: p 14): O aproveitamento da língua falada quer em nível de narração, tem ocorrido, com maior intensidade, em todas as épocas e em muitas literaturas.

A oralidade e a escrita são práticas da língua, sendo que àquela é o início de tudo, é a “gênese”, pois consegue reproduzir e representar a história de um grupo social, explicitando os sentimentos desse grupo, como alegrias, entusiasmos, angústias e anseios. Enquanto está só consegue relatar, não possuindo a mesma expressividade que a outra.

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua que possuem características distintas, específicas que são determinantes do lugar, do papel e do grau de relevância na atividade discursiva. A fala é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia, enquanto a escrita, em termos institucionais, é adquirida em contextos formais.

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialéticas e assim por diante. As imitações e os alcances de cada uma estão dados pelo potencial do meio básico de sua realização: som de um lado e grafia do outro, embora elas não se limitem a som e grafia. (MARCUSCHI, 2001: p. 17).

Por meio da reprodução da oralidade na escrita, cria-se uma comunicação entre autor e leitor, pois o narrador emite um discurso da realidade histórica, no qual o elemento contraditório é intrínseco à própria representação do real que é afirmada e em seguida analisada e escrita. Assim desenvolve-se uma narrativa que se torna uma forma de comunicação do pensamento em movimento contínuo tentando dar conta do movimento da realidade.

[...] o escrito funciona como idêntico, o real numa relação com o outro; relação como idêntico, a repetição, a re-eunicação que o leitor faz do texto que lê, relação com o outro, a comunicação oral tem origem na alteração, no desvio produzido pela presença do outro. (Barthes e Mary, 1987: p. 49)

A relação entre escrita e oralidade na comunicação linguística fica claramente visível na citação acima. Os estudos linguísticos contemporâneos mostram que as relações entre língua falada e língua escrita não devem ser tratadas de forma dicotômica,

mas podem ser consideradas a partir de uma visão contínua e processual. Em comum acordo de ideias e sobre análise do pensamento a autora relata:

Conduzindo o imaginário intercultural da memória coletiva de incontáveis gerações, o texto oral mante-se virtualmente na memória do transmissor que o ajusta no momento da performance à realidade do grupo a que pertence.

(Solange Santana. In: <http://www.primeiraversão.unir.br>).

A história oral vem sendo utilizada por muito tempo para a reconstrução da cultura popular. Por consequência dos fatos pesquisados, apresentados e comparados pelos respectivos estudiosos do assunto, é notório dizer que.

As diversas práticas e mudanças linguísticas remontam da linguagem oral, por isso desconsiderar essa modalidade linguística é negar a natureza sociológica da língua em sua dimensão social. Bagno (2004) afirma que “deve haver uma valorização da língua falada, já que ela é a modalidade da língua que os indivíduos aprendem naturalmente desde a infância e que está em constante transformação”.

Atualmente o desenvolvimento da prática vem sendo visto como uma grande possibilidade de ampliar sensivelmente a comunicação com isso, a sociedade vem redescobrando que ela é eminentemente oral, mesmo sendo alfabetizada. As manifestações orais encontram-se presentes em todas as manifestações sociais, sejam elas formais ou informais.

A oralidade dentro do contexto geral é dinâmica e interativa, aborda a inteligência e a maneira como os indivíduos aprendem e recomenda aos autores que desenvolvam a competência de operar como orantes. Conduzindo o imaginário intercultural da memória coletiva de incontáveis gerações, o texto oral mante-se virtualmente na memória do transmissor que o ajusta no momento da performance à realidade do grupo a que pertence.

As pessoas são únicas no que se referem os seus estados emocionais, seus ritmos de aprendizagem, suas etapas de desenvolvimento, suas capacidades e talentos, seus sentimentos sobre sua própria eficácia e suas necessidades e isso faz com que a oralidade como um processo natural que surge do convívio das pessoas, se manifeste de forma diferente em cada grupo social. Por essa razão, o autor afirma;

Esse é o limite que temos que estabelecer. Embora o indivíduo possa utilizar variantes, é no contato linguístico com outros falantes de sua comunidade que ele vai encontrar os limites para a sua variação

individual. Como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhanças entre a língua que ele fala e a que os outros membros da comunidade falam. (FIORIN, 2004:p. 128).

Dessa forma, é notável observar que a discriminação de algumas variedades linguísticas tratadas de modo anticientíficos expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo o preconceito linguístico resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais. É imprescindível salientar a importância de aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entende-se que todas as variedades são legítimas e próprias da história e da cultura humana.

Na continuidade do pensar, do dizer e da forma como se comporta o indivíduo nessas comunidades, o autor encontra respaldo e apoio dos autores Barthes e Marty:

[...] a relação entre o escrito e a oralidade na comunidade linguística pode ser sintetizada com a seguinte frase: o escrito funciona numa relação com o idêntico, o real numa relação com o outro; relação com o idêntico, a repetição, a re-eunciação que o leitor faz do texto que lê; relação com o outro, a comunicação oral que tem origem na alteração, no desvio produzido pela presença do outro. (BARTHES e MARTY, 1987: p. 62).

Nessa perspectiva para compreender e analisar a oralidade linguística é preciso colocar-se no momento em que o texto está sendo “lido”, narrado por um indivíduo. Para se discutir os fenômenos da oralidade linguística e da escrita, é preciso que se aborde sobre o papel dessas duas práticas no cotidiano.

Além disso, devemos lembrar que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram tradição na oralidade linguística ou têm uma tradição na escrita. Não se trata com isto de colocar a oralidade linguística como mais importante, mas de perceber que a oralidade tem uma “primazia cronológica”. (CF STURBS,1986).

Na verdade, oralidade linguística e escrita são práticas e uso da língua com características específicas determinantes do lugar, do papel e do grau na atividade discursiva. Tais práticas justificam que a questão da relação entre ambas seja posta no eixo de um contínuo, tanto sócio-histórico como tipológico. A língua e a fala são adquiridas em contextos informais. Entretanto, a escrita, em termos institucionais, se adquire em contextos formais.

A oralidade linguística é usada nos contextos sociais básicos do cotidiano das civilizações, paralelamente à escrita. Esses contextos, entre outros, são a família, a escola, o trabalho, a vida burocrática, a atividade intelectual. Em cada um deles a ênfase e os objetivos do uso da língua e da escrita são variados e diversificados.

A partir dos anos 80, os estudos sobre oralidade linguística e escrita sofrem uma mudança de perspectiva, já que anteriormente essas modalidades da língua eram vistas como opostas e, a partir dessa época passam a ser analisadas como um “conjunto de práticas sociais”. (MARCUSCHI, 2001: p. 15). Se antes predominava a noção de supremacia cognitiva da escrita e considerava-se a relação entre as modalidades de oralidade e escrita como dicotômica, atualmente predomina a posição segundo a qual se pode conceber oralidade linguística e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais.

Segundo MARCUSCHI (2001, p. 16). É preciso considerar que “as línguas se fundam em usos e não o contrário”. Desse modo, os usos da língua merecem um olhar significativo por parte dos estudiosos, pois o que determina a “variação linguística” em todas suas manifestações são os usos que se faz da língua. São as formas que procuram se adequar aos usos e não o inverso.

A escrita não pode ser entendida como uma representação da fala, já que não consegue reproduzir muitos fenômenos da oralidade e da linguística. As limitações e os alcances de cada uma estão dados pelo potencial do meio básico de sua realização: som de um lado e grafia de outro, embora a linguística não se limite a som e grafia.

A linguagem, devido a sua grande variação, relaciona-se por uma aproximação contundente, na qual a linguagem culta (formal) encontra-se mais próxima da modalidade escrita e a linguagem coloquial (informal) à modalidade falada. Por esse motivo, afirma o autor:

O texto da literatura é um objeto da linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele emoções profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, coparticipe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que nele se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, enquanto receptores e usuários de um saber comum. (PROENÇA FILHO, 2005: p. 8)

Como manifestação da oralidade linguística, a fala é adquirida de forma natural em contextos formais e informais. O aprendizado e o uso da linguística são, pois, uma forma de inserção cultural e socialização. A oralidade linguística continua em voga. Parece que hoje a sociedade, de modo geral, redescobriu que todos são seres eminentemente orais, mesmo em culturas consideradas amplamente alfabetizadas. Entretanto, é fundamental refletir de forma mais adequada, a respeito de qual é o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de vida diária ou nos contextos sociais. Para MARCUSCHI o termo não é novo, menciona que seria interessante pensar na distinção lembrada por CINSBURG na obra “O queijo e os vermes”, publicada em 1987, quando diz que a denominada cultura popular é transmitida essencialmente pela via da oralidade. A exemplo de uma análise textual deve, portanto, levar em conta os traços linguísticos que permitem reconhecer a intencionalidade do enunciador.

Ao longo da evolução linguística, vão refinando e ampliando o seu campo de estudo, usando métodos e critérios a respeito da oralidade considerados aceitáveis. Com o passar do tempo, o refinamento da oralidade, ocorreu mudanças nas interpretações e nos usos dos fatos.

2. A PERSONAGEM MACUNAÍMA SÍNTESE DA DIVERSIDADE BRASILEIRA

Por muito tempo só se considerava Literatura o que estava escrito. Felizmente, após um longo período de marginalização e exclusão a oralidade passou a ser vista pelo meio acadêmico e cultural como Literatura, pois comprovou-se por meio de inúmeros estudos que a linguagem popular é uma fonte circunstancial e essencial para o reconhecimento da memória de uma sociedade, já que a Literatura se concretiza quando é percorrido o trajeto da oralidade à escritura.

Um dos marcos da valorização da oralidade no Brasil foi o Movimento Modernista Brasileiro que teve como uma de suas principais bandeiras o projeto de nacionalização do país.

A Semana de Arte Moderna foi responsável pelas mudanças dos paradigmas, como a arte pela arte, o culto da forma, que regiam as normas e técnicas da arte brasileira. Antes, os romancistas, pintores e músicos seguiram de forma linear os padrões da época. Na literatura, o Parnasianismo, que tinha como grande expressão Olavo Bilac, foi

ridicularizado e banido. Para romper com estes paradigmas, vários escritores organizaram-se nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 192, com o aval do pré-modernista Graça Aranha e realizaram a referida semana, que passou a ser um marco para o novo padrão da arte e da cultura brasileiras.

O evento aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo e teve como cabeça dois paulistanos cujas obras, esteticamente revolucionárias (até hoje), são referenciais imprescindíveis para compreender o Modernismo Brasileiro: Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Este, infelizmente, passados tantos anos da sua morte, ainda não encontrou leitores, estudiosos e pesquisadores; aqueles sim.

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu na cidade de São Paulo, em 1893 e faleceu em sua cidade natal em 1945. Escreveu prosa de ficção (conto e romance), poesia, crônica, teatro, ensaio; foi ainda musicólogo e folclorista.

Das duas bandeiras levantadas pela Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade aproveitou-se de ambas: fazer uma arte moderna e fazer uma arte brasileira. Quer dizer, ao conceber *Macunaíma* (1928), o polígrafo paulistano inovou a narrativa longa brasileira, a começar pelo gênero, “rapsódia” – Composição musical baseada em temas de inspiração folclórica ou temas populares -, para não se falar da estrutura; quanto a segunda bandeira, observem-se a temática e a linguagem do “herói sem nenhum caráter”.

Mário de Andrade foi um dos mentores do Modernismo brasileiro e que muito defendeu uma linguagem popular, criticando assim, o grande distanciamento entre a língua escrita e falada. Dessa maneira, fez uso da linguagem falada, para apresentar o Brasil aos brasileiros e ao mundo de outra maneira, mais brasileira.

Macunaíma é considerada por autores como Alfredo Bosi, Antônio Candido e outros como o texto em que mais aparecem as expressões do Modernismo (1ª fase), em que existe a necessidade de criação de uma expressão nacional, voltada para a oralidade do povo brasileiro.

A Literatura Brasileira é detentora de um grande número de textos que retratam a forma do “povo” local se expressar oralmente, fazendo o uso do “português brasileiro” utilizado na Literatura Popular, muitos autores utilizaram esse recurso com maestria, em especial Mário de Andrade que ousou realizou por meio de pesquisas diversas o projeto nacionalista dos escritores de sua geração.

O autor de *Amar, verbo Intransitivo* brinca com as palavras e na sua rapsódia ele fez brilhantemente o encaixe da Oratura com a Literatura, o encontro do popular com o culto.

Atualmente, no meio acadêmico, autores como HALBWACHS, M. LE GOFF, J. LE GOFF, J. POLLAK. M., entre outros defendem a ideia de que aquilo que se tem guardado na memória coletiva já é literatura, independentemente das diversidades de opiniões sobre oralidade/escrita, tendo em vista que já se confirmou que a literatura percorre o trajeto da oralidade à escrita.

A Literatura não é apenas cultura, mas primordialmente um objeto artístico originado da língua. Ela é uma possibilidade real de se fazer uso da oralidade no texto escrito.

A transmissão oral, mesmo quando repousa em um texto escrito, dá primazia ao ritmo sobre o sentido e a ação sobre a representação. A utilização das marcas da oralidade no texto escrito dá ao leitor uma ilusão de uma realidade oral que de acordo com PRETI (2004: p.126) “permitem ao leitor reconhecer no texto uma linguística que se habilitou a ouvir ou que, pelo menos, já ouviu alguma vez e que incorporou a seus esquemas frutos da sua experiência como falante”.

A utilização da oralidade na Literatura é um recurso utilizado como construtor de sentido e parte do processo de construção da realidade linguística dele. Por meio desse processo é possível constatar a interação entre autor e leitor, havendo a possibilidade de o leitor tornar-se testemunha da narrativa.

É possível detectar diversos aspectos da oralidade em uma infinidade de textos escritos devido à utilização de marcas que são presentes na linguagem falada, demonstrando assim que há uma relação entre o texto oral e o texto escrito, a linguagem formal e a linguagem popular, contudo a oralidade na escrita literária não deve ser vista como transmissão fidedigna da fala, pois ela é um recurso/artifício de linguagem elaborada pelo escritor que tenta aproximar o texto do leitor, do verdadeiro contexto linguístico-internacional.

As marcas da oralidade foram bem aproveitadas esteticamente em diversos textos literários, em especial da Literatura Modernista, onde o sentido de brasilidade era muito discutido. A Semana de Arte Moderna de 1922 vem alterar os paradigmas da literatura, até então atual, com propostas inovadoras e audaciosas, que tinha como objetivo primordial a criação de uma literatura tipicamente brasileira.

A Semana de Arte Moderna foi um divisor de águas da Literatura Brasileira, pois a partir dela se inicia uma nova era literária no Brasil. Uma busca de um nacional não ufanista, de uma realidade brasileira, de uma língua nacional. Como disse REZENDE

(2002: p.75) [...] Novas tendências se sucedem ao longo das décadas e a melhor arte brasileira irá se manter atualizada em relação ao mundo e à sua realidade.

Mediante a esse novo contexto literário os autores foram em busca de temáticas para suas obras voltadas para as manifestações populares, a fim de garantir uma expressividade autêntica da nação levando em consideração a sua diversidade e riquezas regionais. Segundo Antônio Candido:

[...] o que se buscava na época era uma maior aceitação dos valores nacionais recalcados que precisavam adquirir estado de literatura e, sendo assim, o primitivismo se torna agora fonte de beleza e nem mais empecilho à elaboração da cultura. (CANDIDO, 2000, p.120)

No livro *Oralidade na Literatura: o caso de Ruben Fonseca* (2000), de Hudinilson Urbano, é citada algumas características morfosintáticas léxico-semânticas que se encontram presentes em obras nas quais a linguagem oral é determinante, como é o caso de *Macunaíma*. Como exemplo da utilização dessas características na obra em estudo, pode-se citar a utilização das expressões típicas da oralidade como: *promano, mijar, vagabundou se deu em deu semana, cafundó de Judas, maginoumaginou*.

O Modernismo brasileiro foi influenciado pelas Vanguardas europeias, em especial, pelo Futurismo, mas não seguiu seus ideais totalmente, foram mais brandos e serenos, pois não negaram as obras do passado como fazia o Futurismo europeu. Os autores modernistas sofriram influências, mesmo que poucas do passado. O que eles realmente seguiram desta Vanguarda foi principalmente, a liberdade de criação e expressão pessoal.

A presença de termos próprios da linguagem oral é presença constante em muitas obras literárias datadas do período Modernista, em especial na sua primeira fase (1922 – 1930) onde autores como Mário de Andrade, Manoel Bandeira, Jorge de Lima entre outros, apropriaram -se de termos populares para registrar a cultura popular do país. Eles tinham sede de conhecer o país para tentar compreender as suas divergências e a partir daí criar um projeto de nação baseado na cultura nacional e não nos modelos europeus, criando assim, uma literatura de caráter nacionalista, estabelecendo uma relação entre a cultura popular e a literatura moderna.

A meta de Mário de Andrade e dos modernistas em geral – pesquisa nacional, descoberta da criação e da temática popular erudita, sempre se orientou pela busca da compreensão do comportamento e das necessidades brasileiras, além da própria reflexão estética. O que eles

propunham era o conhecimento do povo brasileiro em profundidade, ligando-o a um dever-se social e mesmo político. (Santos: 1992, p.43).

A oralidade permitiu aos autores do Modernismo vislumbrarem a concretização da literatura puramente nacional, devido a carregar os elementos capazes de remontar a história do Brasil, por meio da tradição da cultura popular.

A literatura oral por muito tempo ficou limitada à religiosidade, por meio das orações, aos provérbios, às adivinhações, mas devido aos estudos linguísticos ampliou os seus horizontes e alcançou lugar de destaque no meio literário.

Os autores desse período retratam a diversidade social e cultural utilizando-se da oralidade no texto escrito de forma poética, utilizando-se da estética por meio da legitimidade oral popular. A oralidade é vista pela literatura como a possibilidade de iniciação na construção de um texto escrito, pois a literatura se vale muito da oralidade na sua construção.

A mistura de raças – negra, branca e indígena – da qual resultou o povo brasileiro o povo brasileiro é a grande responsável pela riqueza da literatura oral brasileira, pois esta é composta pela cultura de três povos distintos.

A Literatura Oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar. (CASCUDO, 2006:P.27).

Foi na fase histórica que afloraram as comparações e os diversos segmentos literários entre as diferentes línguas. É notório que nesta fase, o interesse estivesse voltado para as línguas, não havia uma preocupação em compreender como a oralidade, a literatura e as línguas estavam estruturadas, como elas estão organizadas. A preocupação nesta fase é muito mais histórica, está voltada para a compreensão diacrônica da oralidade literária. Dessa forma, muitos estudiosos, como Saussure, defenderam que esse tipo de estudo literário seria muito mais um interesse da história do que da linguística. Fundamento que levou esse escritor a fundar, entre o final do século XIX e início do século XX, uma disciplina denominada linguística, cuja função era o estudo sistematizado da língua, sem compromisso com explicações filosóficas, normativas ou históricas.

Tradicionalmente, a fala e a escrita apareciam numa perspectiva dicotômica. Segundo MARCUSHI (2001, p.12), enquanto a escrita era considerada elaborada, complexa, formal e abstrata, a fala surgia como concreta, contextual e estruturalmente simples. Tal visão idealizada percebia cada uma como um fenômeno isolado, estático e homogêneo não correspondendo na prática discursiva à correlação das duas modalidades entre si. Atualmente, já existe um consenso de que ambas, apesar de suas características próprias, interagem constantemente. O exemplo dessa interação são os meios de comunicação mais modernos, os chamados “bate-papo”. Então, podemos observar o “falado” por escrito, uma vez que ocorre, o tempo todo, uma ação interativa, mesmo quando os interlocutores não se encontram, de fato, frente a frente.

A linguagem no âmbito literário encontra-se condicionada a vários fatores, além de apresentar variedades diversas, difíceis de serem demarcadas no seu uso. Estas variações podem estar ligadas ao espaço geográfico (DIATÓPICAS), ou ainda ser derivadas de modalidades expressivas, de estilos diferentes, ligadas às circunstâncias em que se realizam os atos da fala (DIAFÁSICA).

Além das variantes acima mencionadas, convém salientar os aspectos afetivos que caracterizam a expressividade que perpassa os fatos da língua e o emprego poético da linguagem pelos artistas das palavras, típico da literatura.

A oralidade literária constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predomina a força criativa e a interação estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. O texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre é a que se testemunha) nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de nações, conceitos que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (discurso científico). Ele os ultrapassa e transgrede, para constituir outra mediação de sentidos entre “o sujeito e o mundo”, entre a “imagem e o objeto”, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretção do mundo atual e dos mundos possíveis.

Pensar em oralidade literária a partir dessa relativa autonomia ante outros modos de apreensão e interpretação do real corresponde a dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo, regido por jogos de aproximação e afastamento, em que as invenções da linguagem, a instauração de pontos de vista particulares, a expressão da subjetividade pode estar misturada a situações do cotidiano, a referências indiciais e, mesmo procedimentos racionalizastes. Nesse sentido, enraizando-se na imaginação e construindo

novas hipóteses e metáforas explicativas, a oralidade literária é uma forma de produção, e apreensão do conhecimento.

Do ponto de vista linguístico, a oralidade literária apresenta características diferenciadas. Embora em muitos casos, os aspectos formais do texto se conferem aos padrões da escrita, sempre a composição verbal e a seleção dos recursos linguísticos obedecem à sensibilização e a preocupação da estética. Nesse processo original, “o texto literário” está livre para romper os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos traçados pela língua: está se torna matéria-prima, mais que instrumento de comunicação e expressão.

3. ORALIDADE EM MACUNAÍMA

Macunaíma é uma obra em que seu autor faz utilização da linguagem oral de forma magistral, ratificando os estudos de muitos linguistas, que concluíram que a língua oral não é o “lugar do caos”¹. Ele, Mário de Andrade, demonstra isso com riqueza de detalhes, fazendo de forma magistral que a fala e a escrita caminhem juntas na concepção da obra, dando assim uma dinâmica diferenciada ao texto.

Uma das características mais marcantes das obras de Mário de Andrade, em especial em **Macunaíma** é a reconstrução da oralidade em sua escrita, onde a cultura popular é tida como grande fonte de inspiração e reflexão.

Meu destino não é ficar. Meu destino é lembrar que existem mais coisas que as vistas e ouvidas por todos. Se conseguir que se escreva brasileiro sem ser caipira, mas sistematizando erros diários de conversação, idiotismo brasileiros e sobretudo psicologia brasileira, já cumpri o meu destino. O que me importa ser louvado em 1985? O que eu quero é viver minha vida e ser louvado por mim nas noites antes de dormir. (ANDRADE, 1924)²

O autor de **Paulicéia Desvairada** utiliza-se de uma linguagem muito criativa, onde faz a fusão da linguagem popular com a sua própria linguagem, que é culta. Transformando, dessa maneira, a linguagem que era corriqueira aos narradores orais em uma linguagem mais erudita. O autor modernista acreditava como afirma Contier (2004,

¹ Revista Philologus, Ano 16, nº 47. Rio de Janeiro: CIFEFIL, maio/ago 2010 p. 92.

² BICHUETTE, Stela de Castro. Brasileiramente Macunaíma: A Estilização do Nacional. In: Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOII. ISSN 1980-4504, dez 2008.

p.66) que é preciso “fazer com que o povo vivia sua cultura, pois só assim poderá se reconhecer como nação”, o que fica claro em muitas de suas obras, inclusive em **Macunaíma** que é o objeto de estudo deste trabalho.

Macunaíma é uma obra que de início ocasionou diversos conflitos em autores e sua classificação, o próprio autor denominou-a de história antes de chamá-la de rapsódia, já que a mesma apresenta uma diversidade de motivos populares, outros autores e críticos literários deram a ela classificações diversas: romance, poema, epopeia. A obra em questão perpassa realmente por diversos aspectos de construção dos gêneros nos quais fora classificada, contudo ele vai além, pois abarca diferentes aspectos simultaneamente e com isso não se iguala especificamente a nenhum deles, como afirma Lima.

[...] não é um romance, nem um poema, nem uma epopeia. Eu diria antes, um coquetel. Um sacolejado de quanta coisa há por aí de elementos básicos da nossa psichê, como dizem os sociólogos. É um desses retratos médios em que se supõem várias fotografias diferentes e que acaba não se parecendo com ninguém. (LIMA, 1974, p.7)

Mário de Andrade tinha como intenção incorporar os elementos próprios do país em suas obras, ressaltando a linguagem coloquial dos falares do povo do povo em geral. Ele buscava a superação da gramática portuguesa e a criação da intelectualidade propriamente brasileira.

[...] que jamais exigiu que lhe seguissem os brasileiros violentos. Si os praticou (um tempo) foi na intenção de pôr em angústia aguada uma pesquisa que julgava fundamental. Mas o problema primeiro não é acintosamente vocabular, é sintáxico. E afirmo que o Brasil hoje possui [sic], não apenas regionais, mas generalizadas no país numerosas tendências e constâncias sintáxicas que lhe dão natureza características à linguagem. (LOPEZ 1972: p.247).

A obra marioandradeana utiliza-se do imaginário simbólico para estabelecer um diálogo com a comunidade, recriando no texto escrito o que ele acreditava ser a consciência tradicional brasileira, partindo dos valores da tradição oral e acrescentando-lhes elementos novos da sua vivência como brasileiro, pesquisador de arte e da cultura nacional. Ele utilizava-se dos próprios elementos culturais do povo para criar suas obras e isso, para Luís Câmara Cascudo, um estudioso do folclore e da oralidade no Brasil, é literatura oral.

É a consciência brasileira que leva Mário a encaixar num conto que se passa em São Paulo a sintaxe do nordeste de primeiro com a do Braz, e servir-se de suas imagens do vocábulo amazônico lado a lado com o

vocábulo gaúcho. Em nossos tempos de regionalismos literários tentou descobrir e cultivar o denominador comum do português falado do Brasil. (MILLIET, 1972:p.62)

O discurso de Mário de Andrade em suas obras é intencional. Na criação da rapsódia em estudo ele faz a fusão entre os elementos folclóricos, populares e orais no intuito de valorização e conhecimento do país como sua base principal. As lendas na criação folclóricas e os casos regionais na criação da obra encontram-se com a alma popular do povo retratado.

Assim como algumas obras de Osvald de Andrade, **Macunaíma** foi uma obra revolucionária, pois desafiou o sistema cultural vigente, revelando uma nova organização da linguagem literária, relatando informações culturais bem distintas das até então conhecidas pela sociedade, sociedade esta que era dominada pelo reacionarismo e detentora de um atraso cultural generalizado.

Um traço marcante em Macunaíma que a diferencia de demais rapsódias como as Rapsódias húngaras é a exploração criativa da linguagem, a utilização do estilo oral de forma a canalizar as contradições e falta de controle do sujeito diante do discurso, apropriando-se assim, de todas as formas populares e eruditas do imaginário literário e cultural do povo brasileiro. Como por exemplo:

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando com todos. E pediu pra mãe que largasse da mandioca ralando na cavadeira e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou o dia inteiro. De noite continuou chorando. No outro dia esperou com olho esquerdo dormindo que a mãe principiasse o trabalho. Então pediu para ela que largasse de tecer o panheiro de guarumbá-membeca e lavasse ele no mato passear. A mãe não quis porque não podia largar o panheiro. E pediu para a nora, companheira de Jiguê que levasse o menino. [...] Foi se aproximando ressabiada, porém desta vez Macunaíma ficou muito quieto sem botar a mão na graça de ninguém. A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé de aninga na beira do rio. [...], mas assim que deitou o curumim nas tiriricas, tajás e trapearas da serrapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito. (p.14).

O foco narrativo percebido na obra é de um narrador em 3ª pessoa, narrador-observador. Porém, no capítulo IX há uma mudança no processo narrativo da rapsódia, onde quem assume o papel de narrador é o próprio herói da obra. Mário de Andrade faz o uso da narrativa explorando diversos gêneros textuais como reitera BOSI em História Concisa da Literatura Brasileira (2003).

1. Um estilo de lena, épico-lírico, solene:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande estudando o murmurejo do Uraricoera que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamara de Macunaíma.

2. Um estilo de crônica, cômico, despachado, solto: já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava: aí! Que preguiça!... E não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado, mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma danava para ganhar vintém. E espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. (...)

Quando era pra dormir trepava no pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe por baixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras feias, imoralidades estrambólicas e das patadas no ar.

3. Um estilo paródia, retomando satiricamente, a linguagem empolada dos parnasianos e dos cultores de Rui Barbosa e Coelho Neto. É o que se vê na Carta pras Icamíabas, que o herói escreve no capítulo IX, focalizando a duplicidade no uso de nossa língua.

(...), mas cair-nos-iam as faces, si ocultássemos no silêncio, a curiosidade original deste povo. Ora saberes que à sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. (...) Nas conversas, utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter seu saber e força nas apóstrofes, e nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteiramos, solicito; e nos será grata empresa voá-las ensinarmos aí

chegado. Mas se tal desprezível língua se utiliza na conversão da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da virginiana, se intitula língua de Camões! (...)

Além da criatividade na utilização nas diversas formas de narrar e do estilo oral, Mário de Andrade intencionalmente narra a história de Macunaíma de uma forma inovadora, na qual o início da obra fica clara a presença de um narrador-observador, o qual relata as peripécias do personagem título.

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que em que o silencio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. (p.13)

Então Macunaíma quis se dividir um pouco. Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jeju muito mantrichão e jatuaranas, todos esses peixes do rio, fossem bater timbó. [...] (p.17)

Já no IX capítulo “Carta para Icamíabas” o autor passa a ser o personagem título, relatando para as guerreiras amazonenses os seus feitos em São Paulo.

As mui queridas súbditas nossas, Senhoras amazonas.

[...] Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saudade e muito amor, com desagradável nova. [...] Muito nos pesou a nós, Imperador vosso, tais dislates da erudição proemieiis de convir conosco que, assim, ficais mais heroicas e mais conspícuas, tocadas por essa plantinha respeitável da tradição e da pureza antiga. (p,71)

A nossa desconfiança é que essas damas não se originam todas da Polonia, porém que faltam à verdade, e são iberas, itálicas, germânicas, turcas, argentinas, peruanas, e de todas as outras partes férteis de um e outro hemisfério. (p.76)

Em Macunaíma, nos capítulos II e IX, especificamente, é perceptível toda essa intencionalidade do autor em trabalhar com os dois focos de narrador. No Capítulo I ele

faz o uso de palavras tipicamente orais recorrendo a uma estrutura mais simples, sem rebuscamento.

Macunaíma ficou muito contrariado. Maginoumaginou e disse pra velha: - mãe, quem leva nossa casa para outra banda do rio lá no teso, quem que leva? Fecha os olhos um bocadinho, velha, e Pergunta assim: a velha fez. Macunaíma pediu pra ela ficar com os olhos fechados e levou todos os carregos, tudo, pro lugar em que estavam de já-hoje no mondongo inundado. (p.19)

Foi lá e topou com a cotia farinhando mandioca num tipiti de Jacitara.
 - Minha vó, dá aipim pra eu comer?
 - Sim cotia fez. Deu aipim pro menino, perguntando:
 - Que que você está fazendo na caatinga, meu neto? (p.21)

Em contrapartida à presença do narrador – observador de linguagem simples, utilização da oralidade comum, apresenta-se o narrador – personagem no capítulo IX onde como todo orador tenta diversas vezes rebuscar o seu falar tentando adaptar palavras que por muitas vezes são desconhecidas por ele mesmo acreditando que assim está enriquecendo a sua fala, utilizando simultaneamente a linguagem culta e a popular.

Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partiram, quando a mais temerosa desdita pesou sobre nós. Por uma bela noite idos de maio do ano translato, perdíamos a muiraquitã; que outrem grafara muyrakitan e até mesmo muraqué-itã, não sorriais! Haveis de saber que este vocábulo, tão familiar às vossas trompas de Eustáqui, é quase desconhecido por aqui. (p.71)

E já que no detivemos neste delicado assunto, não no abondaremos sem mais alguns reparos, que vos poderão ser úteis. As donas de São Paulo, sobre serem mui formosas e sábias, não se contentam com os dons e excelência que a natura lhes concedeu; assaz se preocupam elas de si mesmas; E não puderam acabarem consigo, que na mandasse vir de todas as partes do globo, tudo o que de mais sublimado e gentil acrisolou a ciência fescenina, digo feminina das civilizações avitas. (p.74)

Sua classificação – observador ou personagem – no capítulo II MAIORIDADE é constantemente presente a utilização de palavras e expressões tipicamente orais, enquanto no capítulo IX CARTA PRA que o narrador ICAMIABAS há uma intencionalidade do autor em utilizar o rebuscamento da língua, como forma de crítica ao Parnasianismo com a oralidade, permitindo a visualização de “erros” de concordância e vocabulares típicos da expressão oral.

Capítulo II

[...] Macunaíma ria por dentro vendo as micagens dos

Manos campeando timbó. (p.18)

- Deixa de trabucar assim, piá! (p.18)

[...] Atravessou o mato e chegou no capoeirão

Chamado Cafundó do Judas. (p.19)

Capítulo IX

CARTA PRAS ICAMIABAS (p.71)

[...] e não puderam acabarem consigo... (p.74)

[...] todos de obra de talha em jacarandá folhado de oiro, com embutidos de salsas tartarugas. (p.80)

Ci guarde a vossas Excisas. (p.81)

Mário de Andrade consegue de forma rica demonstrar que o narrador de Macunaíma nas diferentes situações em que se enquadra retrata a oralidade na escrita e como é o caso do capítulo IX papel de falante, uma novidade para a literatura na época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oralidade é uma das formas de manifestação da literatura, é um entre os sistemas literários construídos histórica e socialmente pelo homem. Pode-se concluir que a oralidade dentro do contexto linguístico e literário, em suas práticas orais e escritas de interação recorrem ao sistema linguístico. Com suas regras fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e com o léxico. Cabe assinalar que, sendo uma atividade de construção de sentidos, a interação se dá pelas práticas da oralidade ou intermediada por textos escritos, que envolve ações simbólicas que não exclusivamente linguística. Na literatura, a oralidade é um conjunto de conhecimentos que contribui com a própria língua. Assim, considera-se que o papel da oralidade é o de possibilitar, por procedimentos linguísticos e literários, o desenvolvimento das ações de produto das linguagens em diferentes situações de interação e abordagens disciplinares.

Nesse contexto, a lógica é de uma proposta que busque promover letramentos múltiplos, pressupõe conceber a leitura e a escrita como ferramenta inserida dentro do contexto das oralidades literárias e linguísticas.

Quando se propõe a centralidade da obra literária não se está descartando a importância do contexto histórico-social e cultural em que ela foi produzida, ou as particularidades de quem a produziu. Assim, está privilegiando o contato direto com a

diversidade orante, a experiência literária, e considerando a história da oralidade nos diversos aspectos como uma espécie de aprofundamento do estudo literário linguístico.

Dizendo de outra maneira, a comunidade acadêmica, por um relativo consenso sobre o fato de entender os usos da oralidade significa considerados recursos e os arranjos pelos quais constrói um texto, num dado contexto. A linguística vinculada, portanto, aos recursos linguísticos em uso (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos). Fatores utilizados de forma brilhante por Mário de Andrade em *Macunaíma*, onde esses recursos foram usados para dar uma visão da possibilidade de utilização do falado no escrito.

Em síntese, a prática da oralidade pode ser uma atividade de natureza social e cognitiva em qualquer situação de interação. Pode-se ainda complementar dizendo que somos sujeitos cujas experiências se constroem num espaço social e histórico, as nossas atividades de uso da linguagem e da língua assumem propósitos distintos e, conseqüentemente diferentes configurações, sempre marcadas pelo contexto social, histórico e literário.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE**, Mário. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 33ª ed. Belo Horizonte: Garnier, 2004. P.14.
- BAGNO**, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. 4ª Ed. São Paulo. Parábola, 2004.
- BARTHES**, Roland. MARTY, Eric. *Oral/Escrito*. In: Enciclopédia Einaudi. **Vol. II**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.
- BOSI**, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CÂNDIDO**, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1969. Vol. II.
- CASCUDO**, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- CONTIER**, A. D. *O nacional na música erudita brasileira: Mário de Andrade e a questão da identidade cultural*. Uberlândia: Art Cultura, n. 9, 2004. P.66 – 79.
- FILHO**, Domicílio Proença. *A Linguagem Literária*. São Paulo: Ática, 7ª Ed. 2005.
- ILARI**, R, BASSO, R.O *Português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2011.
- LOPEZ**, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- MARCUSCHI**, Luíz Antônio. *Oralidade e ensino, uma questão “falada”*. In: Dionísio, A.P. BEZERRA, M. A (orgs). *O livro didático de português*. Rio de Janeiro: Lucena, 2002. ----- . *Da fala para a escrita: atividade de textualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MOLLICA** Maria Cecília. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PRETI, D.** *Variação Lexical e prestígio social das palavras*. In: PRETI, D. (org) *léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanistas, 2003.
- PAUL**, Zumthor. *Holanda no Tempo de Rebrandet. A vida cotidiana*. Ed. CIA DAS LETRAS. Ano: 1989, p.20-1.
- PETTER**, M. *Linguagem, língua, linguística*. In FIORIN, J. L. (org). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

REVELLI – *Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG- Inhumas*, V.1, n.1, março de 2009. www.ueginhumas.com em 24/07/2010. *Revista Philologus*, Ano 16, n. 47, Rio de Janeiro. CIFEFIL, maio/ago, 2010.

REZENDE, Neide. *A Semana de Arte Moderna. São Paulo: Ática*, 2002. <http://www.primeiraversao.unir.br/index.html> IN: 18/03/2011.